

Indústria Farmacêutica, médicos e monstros...

Pesquisa inédita realizada pelo Conselho Regional de Medicina de SP (Cremesp) revela que quase a metade dos médicos (48%) receita os remédios que são indicados pelas indústrias farmacêuticas.

A pesquisa revela ainda que 93% dos médicos afirmam ter recebido, nos últimos 12 meses, produtos, benefícios ou pagamento da indústria em valores até R\$ 500. Outros 37% declaram que ganharam presentes de maior valor, desde cursos a viagens para congressos internacionais.

Para o Cremesp, um terço dos médicos mantém uma "relação contaminada com a indústria farmacêutica e de equipamentos, que

ultrapassa os limites éticos". "Para boa parte [dos médicos], a única forma de atualização é a propaganda de laboratório. E com ela vem os presentes, os brindes. Isso tomou uma dimensão maior, mais promíscua, quando as receitas passaram a ser monitoradas", diz Luiz Alberto Bacheschi, presidente do Cremesp.

Em 2005, a Folha revelou que, em troca de brindes ou dinheiro, farmácias e drogarias brasileiras auxiliavam a indústria de remédios a vigiar as receitas prescritas por médicos. Com acesso a cópias do receituário, representantes dos laboratórios pressionavam os profissionais a indicar seus produtos e os

recompensavam por isso. A prática não é ilegal, mas



é considerada antiética. Afinal, quem pode pagar essa conta é o paciente. "Na troca de favores, o médico pode receitar um medicamento que tenha a mesma eficácia clínica do que o concorrente, mas que custa mais caro", explica o cardiologista Bráulio Luna Filho, coordenador da pesquisa do Cremesp.



3º Greve Geral na Grécia

Como protesto contrário a medidas adotadas pelo governo grego para solucionar a crise econômica na Grécia, que compreende, entre outras medidas, a redução de salários e o aumento de impostos, os maiores sindicatos organizaram a 3ª Greve Geral de 24 horas (11 de março) desde o início da crise.

O plano para tirar o país da crise, apresentado no dia 3 desse mês pelo primeiro-ministro grego, George Papandreou, e apreciado com louvores pela Comissão Européia, tem o objetivo de economizar 4,8 bilhões de euros (R\$ 11,7 bilhões) e com isso reduzir ainda neste ano o endividamento do país, para deixá-lo em 8,7% do PIB (Produto Interno Bruto), que atualmente é de 12,7%. Os maiores penalizados por este pacote são os trabalhadores.

O pacote prevê corte nos salários, a redução de até 30% no pagamento do equivalente ao 13º salário dos funcionários públicos e a até 60% no caso dos que recebem o 14º salário. Além disso, o valor das pensões será congelado.



Preços dos remédios variam até 524%

Um levantamento realizada pela Fundação Procon-SP - órgão vinculado à Secretaria de Justiça e de Defesa da Cidadania - entre os dias 3 e 5 de maio de 2010, constatou diferenças de até 523,81% entre os preços dos medicamentos genéricos e de até 135,81% entre os medicamentos de referência à venda nas farmácias e drogarias da capital paulista.

Antes de realizar a compra, o Procon orienta que o consumidor consulte a lista de Preços Máximos (PMC) dos medicamentos, disponível no site da ANVISA (www.anvisa.gov.br). A consulta também poderá ser efetuada nas listas de preços, que devem estar disponíveis ao consumidor nas unidades do comércio varejista, ou seja, nas farmácias e drogarias, conforme determina a Resolução nº 2 da CMED.

'Clube do bilhão' tem 85 empresas abertas no país

A receita somada dessas companhias não financeiras equivalia a US\$ 470,4 bilhões em 2009, ou 30% do PIB.

As empresas bilionárias com ações em bolsa já faturam o equivalente a quase um terço do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. São 85 companhias de capital aberto com receita líquida anual superior a US\$ 1 bilhão e nove com ganho acima de US\$ 10 bilhões. A receita somada dessas companhias não financeiras foi de US\$ 470,4 bilhões em 2009, ou 30% do PIB.

Em 2000, o Brasil tinha 39 empresas com faturamento líquido superior a US\$ 1 bilhão -

apenas a Petrobras estava acima de US\$ 10 bilhões -, que somavam receitas correspondentes a 17% do PIB. Desde o ano passado, a receita líquida da estatal do petróleo supera US\$ 100 bilhões.

Além de commodities como minérios, aço, petróleo, papel e celulose, outros setores foram à bolsa e financiaram sua

expansão, muitas vezes internacional. O país tem hoje a maior companhia do mundo de carne bovina, a JBS, que abriu seu capital há pouco mais de três anos. A maior companhia de etanol é brasileira, a Cosan, que deve fechar em breve uma associação com a multinacional Shell.



Lucro das empresas cresce 57% no primeiro trimestre

Conforme estudo do Valor Data, o lucro líquido das companhias registrou um salto de 57,3%, alcançando R\$ 13,9 bilhões

Um ano depois do auge da crise internacional, o resultado das companhias abertas no primeiro trimestre mostra que as empresas voltaram rapidamente aos tempos dos bons lucros. Houve crescimento em todas as linhas dos balanços, considerando 231 empresas, exceto as de intermediação financeira e as gigantes Vale e Petrobras - que por seu tamanho distorcem a amostra.

Conforme estudo do Valor Data, o lucro líquido das companhias registrou um salto de 57,3%, alcançando R\$ 13,9 bilhões. A evolução é significativamente maior que a da receita líquida, que foi de 16,5% e somou R\$ 172,5 bilhões.

Em geral, as empresas melhoram todas as margens, começando pela bruta. O lucro bruto cresceu 18,8%, para R\$ 58 bilhões. A alta dos custos ainda não se concretizou no começo deste ano para alguns setores, enquanto para outros a atividade da economia permitiu o repasse. Além disso, nesses 12 meses, as companhias consolidaram os esforços de ganhos de eficiência, com cortes de despesas. (leia-se corte de pessoal).

O Brasil que não muda!

O Banco Itaú lucrou R\$ 10 bilhões em 2009, representando um aumento de 29% em relação a 2008, num ano em que o PIB do Brasil caiu 0,2% - em plena crise econômica! Este ganho do Itaú - que é controlado por apenas duas famílias - ficou próximo do recurso total gasto pelo governo federal com o Bolsa Família, que atende cerca de 12 milhões de famílias.



Indústria Química

Produção e vendas crescem

O segmento de produtos químicos de uso industrial, segundo informações preliminares calculadas pela Abiquim, fechou o 1º trimestre de 2010, sobre iguais meses do ano anterior, com crescimento nos índices de volume de produção e de vendas internas: produção +15,83% e vendas internas +14,66%. Na comparação dos últimos 12 meses, sobre igual período imediatamente anterior, as variações também são positivas: índice de produção +11,42% e vendas internas +3,14% (é o segundo acréscimo nessa comparação, desde o início do ano passado).

Tais resultados podem ser atribuídos à recuperação do mercado interno e também à base de comparação deprimida do ano anterior (nos primeiros meses de 2009, o segmento operou no mais baixo nível desde o início da série acompanhada pela Abiquim). Com relação à utilização da capacidade instalada, o segmento trabalhou a 82% no 1º trimestre deste ano, oito pontos acima da média (74%) alcançada nos primeiros quatro meses de 2009.

Com relação ao índice de preços, o segmento teve quatro elevações consecutivas no período de janeiro-abril (+1,21% em abril, +5,46% em março, +7,62% em fevereiro e +4,24% em janeiro), acumulando +19,74% no 1º trimestre de 2010. Em relação aos quatro primeiros meses de 2009, o índice de preços exibe aumento de 6,54%. Essas altas podem ser explicadas pela gradativa recuperação das perdas do ano passado. Vale lembrar que a crise internacional, que enfraqueceu a demanda por produtos químicos, derrubando consideravelmente os preços de diversos produtos químicos, trouxe fortes reflexos ao mercado doméstico. Quando se analisa a evolução do consumo aparente nacional dos produtos da amostra do RAC, percebe-se que houve um aumento razoável do CAN no 1º trimestre de 2010, sobre igual período do ano passado: +28,5%. Todavia, a fatia das importações cresceu 71,1%, nessa mesma comparação (quase cinco vezes mais que a produção).

Apesar desse fato, de um modo geral, as perspectivas para o fechamento do ano no segmento químico permanecem positivas, principalmente se forem levadas em consideração as previsões de crescimento do PIB (superiores a 5%) e a elasticidade do segmento em relação ao PIB (que varia entre 1,2 e 1,5 vezes).